

MARIA TERESA PIMENTA  
SER OU NÃO SER MINORIA EXEMPLAR:  
O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA

SER OU NÃO SER MINORIA EXEMPLAR:  
O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA<sup>1</sup>

Modernamente quem se debruça sobre o panorama das teorias relativas à realidade social e sua estruturação, não pode deixar de ter em linha de conta o contributo da sociologia de Ortega y Gasset, o famoso dissecador do fenómeno das massas e sua rebelião. Com efeito, é profundamente sugestivo o seu modo de ver o processo da estruturação da realidade social entre massas e minorias. Original pela sua fundamentação do fenómeno social e profundamente pedagógico pelas conclusões que o seu uso permite.

Minorias, em Ortega y Gasset, são os grupos que desempenham uma função social qualificada em determinado momento, enquanto massas são todos aqueles que não são especialmente qualificados. O analista peninsular quebra a conotação rotineira dos conceitos de massa e minoria com populaça, multidão ou, no outro extremo, elite detentora dum certo estilo de vida doirado ou do monopólio de certas profissões ou riquezas materiais; na sua análise sociológica – que ele quer fenomenológica – dá a tónica à vida pessoal, aquele ‘eu interior’ que se vai conhecendo porque se destaca lentamente do ‘tu’, esse outro ‘eu’ que se encontra e põe-no em face da realidade social que, distinta daquela vida interindividual, é para Ortega y Gasset, o mundo do desumanizado, do despersonalizado, dos usos, das crenças, das vigências, tão anónimo e tão forte, que cada um traz dentro de si pelas próprias implicações da sociabilidade. É neste contexto que integra os seus conceitos de massa e minoria que começam por ser conceitos meramente psicológicos – individuais. É minoria todo aquele que se dá ao trabalho de crivar por um critério pessoal os tópicos culturais da sociedade a que pertence para elaborar o seu projecto de vida dentro do plano da autenticidade que se vai descobrindo; é massa, homem médio, aquele que adere ‘naturalmente’ aos tópicos culturais sem os romper por uma necessidade íntima e pessoal de se descobrir. Curiosamente, aquele que é minoria exige-se a si mais que aos demais, enquanto que aquele que é massa é aos outros que exige tudo, muito mais do que a si. Jesus Herrero, num estudo recentemente publicado sobre o pensamento socio-político de Ortega y Gasset, esclarece: “diferentemente do homem-massa, o homem selecto está constituído pela íntima necessidade de se impor uma regra que o ultrapasse, que lhe seja

---

<sup>1</sup> A autora era, nesta data, Professora efectiva da Escola Secundária D. Pedro V, em Lisboa.

MARIA TERESA PIMENTA  
SER OU NÃO SER MINORIA EXEMPLAR:  
O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA

superior, a cujo serviço se põe livremente. Ao contrário daquilo que normalmente se pensa, é a criatura de selecção e não a massa quem vive em servidão essencial. A nobreza define-se pela exigência, pelas obrigações e não pelos direitos”. (*O Pensamento Sócio-Político de Ortega y Gasset*, Ed. Brotéria, 1980).

Desquantificando assim estes conceitos de massa e minoria, Ortega y Gasset relativiza-os, leva-os para o domínio da qualidade e considera que em qualquer nível da ordenação social se podem encontrar homens-elite ou homens-massa e ainda que, em cada pessoa, se podem encontrar aspectos em que é minoria e aspectos em que é massa. Aquele que é superior em qualidade numa determinada faceta da sua vida não o será necessariamente em todas elas. Aponta até o erro que acontece em muita gente, de, sendo minoria num determinado campo, se considerar automaticamente e por decorrência, minoria em todos os outros.

Partindo destes conceitos, Ortega y Gasset considera que a sociedade se estrutura pelo processo de articulação que entre si fazem a massa e a minoria: a minoria, ao viver, é exemplo que a massa copia, não como pura imitação, mas como assimilação, já que, segundo o filósofo espanhol “a capacidade de se entusiasmar com o óptimo, de ser dócil a um arquétipo ou forma exemplar é a função psíquica que o homem acrescenta ao animal e que concede progressão à nossa espécie face à relativa estabilidade dos outros seres”. Quando a massa sai dessa docilidade ao exemplo que lhe é proposto, dá-se o fenómeno que Ortega y Gasset analisou num livro famoso denominado *A Rebelião das Massas*.

Vem esta evocação da sociologia ortegueana a propósito da evolução que se tem vindo a verificar na Escola Secundária da Amadora, símbolo da desordem a que pôde chegar uma escola durante o conturbado PREC, e hoje em dia, quase oásis para quem deambula pelas escolas do nosso país, ou para ser mais precisa, pelas escolas desta zona intitulada da grande Lisboa.

Situada na Reboleira, foi medonha a sua passagem pelo 25 de Abril; a desordem instalou-se, o arbítrio, o susto; basta lembrar que chegou a ser gerida por um único aluno, o famoso Gil, e ter tido à sua frente, um sargento que ao mesmo tempo que gestor do Liceu, se preparava para o exame do 7º ano ... As cadeiras e carteiras partidas subiam ao nível da montanha nos pátios do liceu; os alunos recebiam as pretensas aulas que chegaram a ser tribunais, comícios ou meros convívios, sentados no chão, nos vãos das janelas, um pouco por toda a parte; os comícios eram constantes, os megafones ameaçadores; os professores, uns

MARIA TERESA PIMENTA  
SER OU NÃO SER MINORIA EXEMPLAR:  
O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA

resistentes, outros colaborantes, outros indo para as zonas do destrambelho; vidros não havia, portas não fechavam, audiovisuais evaporaram-se, enfim o pandemónio!

A integração do Liceu era das mais peculiares: dum lado, o sopro estonteante das audácias famosas dos Comandos da Amadora; do outro, as vozes ameaçadoras dos operários de certas unidades fabris que de vez em quando passavam pelo liceu a impor a sua ordem; no meio disto, a população estudantil, mesclada de marginais, vítimas representantes da relação horizontal em que vivem, na sua maior parte procurando no grupo ou no bando, o convívio que não encontra ou encontra insuficientemente dentro da família, em que os pais, trabalhadores, transformam em dormitórios os bairros onde vivem... População leitora das publicações de cordel, do *Jornal do Incrível* ou de apenas jornais desportivos, público de filmes de violência e da telenovela, disponível à droga e à prostituição, sem quaisquer outros pontos de referência que o leve a descobrir mundos diferentes e de qualidade.

Casos insólitos que se tornavam apontados primeiro e depois logo normalizados eram o quotidiano daquele ambiente durante esses anos do famoso PREC e sucedâneos. O caso do Tigre, por exemplo, adulto jovem, perturbado, ao que se dizia, pela sua participação na guerra de África, que periodicamente fazia a sua ronda pelos pátios do liceu numa autoproclamada defesa da juventude a quem queria ver livre da droga. Caso encontrasse algum vestígio, fazia uma agressiva limpeza por sua conta e risco. Punha toda a gente em fuga, porque era valente e forte e, sempre bem educadíssimo, apresentando-se sempre com aspecto cuidado, acabou pedindo licença ao Conselho Directivo para entrar no liceu quando se foi estabelecendo a norma de só nele poder entrar quem tivesse autorização para tal. Chegou a andar acompanhado por uma pessoa designada pelo dito Conselho Directivo para evitar dislates de qualquer calibre e deu por finda a sua tarefa ao constatar que a disciplina voltava àquela escola. Casos outros de pais que invadiam a cerca da escola para fazer justiça por suas mãos aos inquietadores supostos ou verídicos das suas filhas, etc,. De tudo se passou um pouco naquele liceu e, paulatinamente, à medida que os tempos sossegavam, foi-se tentando adquirir a ordem que permite o rendimento e só Deus sabe, ou melhor, só aqueles que frequentam as escolas sabem, a multiplicidade de aspectos que requerem a atenção daqueles que se propõem levar a bom termo uma gestão escolar no tocante a didática, a pedagogia, a administração, a integração familiar, etc, e o quebra-cabeças que é o hierarquizar estes assuntos todos ...

MARIA TERESA PIMENTA  
SER OU NÃO SER MINORIA EXEMPLAR:  
O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA

Honra seja feita a todos os Conselhos Directivos que desde 1977 (a minha análise incide apenas nos tempos a partir dos quais passou a ser possível actuar e não apenas suster) envidaram os seus esforços no sentido de endireitarem aquela nau. Presentemente, a Escola Secundária da Amadora com os seus cinco mil alunos, os seus duzentos e sessenta professores e os noventa e cinco elementos de pessoal administrativo e auxiliar, deixa banzado quem lá entra: a limpeza que reina no famoso anexo polivalente encerado de tal modo que até já há quem se queixe pelo perigo de escorregar (pensar quando o chão não se distinguia sob a carga de papéis e lixo de toda a monta!, quando a atmosfera se tornava compacta de fumo e ensurdecadora de vozearias e à vezes sons que se dizia ser música!), o arrumo das salas de aula que o são realmente, com carteiras inteiras, quadros pretos, cesto de papéis, o sossego dos espaços livres com bancos pintados de encarnado e, ó espanto, em vez de palavrões e palavras de ordem mais ou menos inscientes, as paredes mostram agora pinturas de paisagens coloridas com riachos, borboletas, papagaios, numa ordem estética que não se aproxima nem de longe dos chatos e folclóricos desenhos infantis ou propagandescos, estereotipados e já conhecidos de algumas das nossa escolas. Naquelas paredes, algo aconteceu: a imaginação espraizou-se e a rotina bonitinha e boazinha desapareceu e, pode dizer-se, a beleza instalou-se. Existem agora entradas para os professores e entradas para os alunos, sala para os professores, bar para os alunos e bar para os professores. Criou-se assim um espaço onde continua a vida associativa e académica, onde se desenvolve a prática do socorrismo, onde empregados e professores podem desenrolar a sua vida sindical e onde, sobretudo, as aulas podem ser dadas e são cinco mil alunos, distribuídos por turnos da manhã, tarde e noite, o que significa a ocupação permanente de dezasseis horas diárias.

A Biblioteca reorganizou-se e sem ser um primor de espécies, mostra tendência para ser actualizada e é frequentada; o apetrechamento dos centros audiovisuais, dos diferentes laboratórios necessários ao *curriculum* escolar, do material para a educação visual tem-se vindo progressivamente a efectuar, e tudo isto já perfeito? E tudo isto já completo? Não. Mas tudo isto pressupõe a infinita paciência, o infinito trabalho, a infinita atenção e dedicação sem limites dos vários Conselhos Directivos que a partir de 1977, coesos e sucedendo-se uns aos outros com alterações nalguns dos seus membros mas com permanência de outros, permitindo assim uma continuidade de métodos e objectivos, num trabalho autentico de sapa, velam, atendem, suprem e pressionam as instâncias competentes uma vez e outra vez e outra vez, conseguindo apoios, consultas,

MARIA TERESA PIMENTA  
SER OU NÃO SER MINORIA EXEMPLAR:  
O CASO DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA

licenças, etc., Sabemos todos os que andamos por estes meios de administração escolar, como se multiplicam ao infinito os problemas dos professores, dos alunos, das famílias, dos contínuos, dos fornecedores, dos marceneiros, dos vidreiros, das estruturas didáticas, das licenças burocráticas, etc., Na realidade, só com o enorme sentido da responsabilidade, só com a enorme exigência que se foram impondo a si próprios os últimos Conselhos Directivos da Escola Secundária da Amadora, se consegue levar a bom termo a tarefa que ora se vive: um espaço de ordem onde trabalhar é possível. E para meditar, é de notar que entre os seus membros têm sido conhecidas opções políticas diferentes. Mas é na realidade, naquela capacidade de se superarem, de se exigirem a si e não se porem à espera de que melhorem as estruturas que permitiriam aquela «actuação-de-que-seriam-capazes-se», que reside o segredo da sua eficácia.

Meditação a propor, talvez hoje, na época em que dominam os audiovisuais, em que se vê e se ouve intensamente para aprender: é que na prática pedagógica, além do que se ensina, tem importância aquilo que se é. E quando se é com qualidade, quando se é com capacidade de crítica honesta e proponente, quando se é com autenticidade um projecto de persecução de um ideal próprio, quando se desempenha uma função social qualificadamente, então é-se pedagogicamente importante, qualquer que seja o campo em que se actuar e consegue-se aquilo que pode parecer o impossível que é, neste particular, o funcionamento capaz de um Liceu.

E é impossível que as pessoas que convivem diariamente num espaço destes, onde se exerce a acção qualificada de uma pequena minoria, elite no seu campo, não acabem por não beneficiar quanto à estruturação da sua personalidade, tal é a função psíquica a que se chama entusiasmo pelo óptimo, por uma forma exemplar, característica que permite ao homem progredir e distanciar-se do outro ser animado que habita o planeta: o animal.

MARIA TERESA PIMENTA

Publicado no *Diário de Notícias* de 10-8-1981, p. 2.